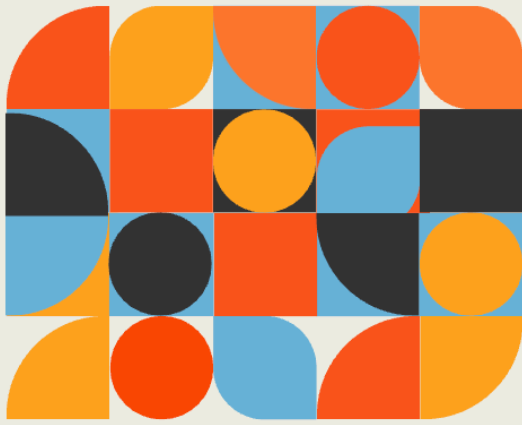




20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Monocultura no design e ruínas: um caminho orientado pela *Euphorbia Thymipholia*

Keller, Daniel Gevehr; Ms.; Universidade Feevale, danielgkeller@gmail.com¹
Neres, Daniel; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, danielamadeumkt@gmail.com²
Schemes, Claudia; Dra.; Universidade Feevale, claudias@feevale.br³
Gutierrez Borreto, Alfredo; Dr.; Universidad Jorge Tadeo Lozano, alfredo.gutierrez@utadeo.edu.co⁴

As monoculturas marcam a história brasileira desde as práticas dos *plantations*, que devastaram e empobreceram territórios a partir do cultivo de cana de açúcar e soja. No entanto, com aparente tendência às lógicas uníssonas e racionais, os seres humanos aplicam este modelo de pensamento em boa parte de suas práticas, inclusive, sendo denominado como monocultura do saber.

A monocultura do saber, aplicada ao design, configuraria ecossistemas fortemente apoiados em um único modelo de pensamento, em formas criativas racionalistas e pré-formatadas em processos determinados capital e pelo domínio do saber. Perigosas e pouco sustentáveis, as monoculturas tornam os contextos pouco abertos à diversidade criando ecossistemas frágeis e danosos ao sistema macro no qual estão inseridas.

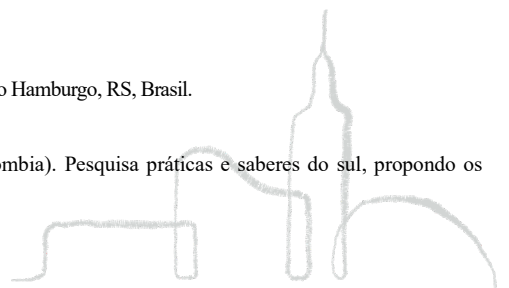
Neste contexto, a cidade de Novo Hamburgo foi reconhecida como a capital nacional do calçado e desenvolveu este “talento local” como forma de posicionar-se mundialmente no mercado de moda. Durante décadas, a cidade investiu fortemente em um modelo de pensamento focado exclusivamente nas produções de sapatos, no fortalecimento desta indústria, direcionando a formação de profissionais de design, de criação, comunicação e estilismo para a atuação neste mercado. No entanto, com o passar do tempo, conforme comprovado por relatórios governamentais e reportagens, esta monocultura tornou-se obsoleta, não dando alternativas para que este polo criativo se adaptasse às transformações mundiais, no que se refere ao design, aos

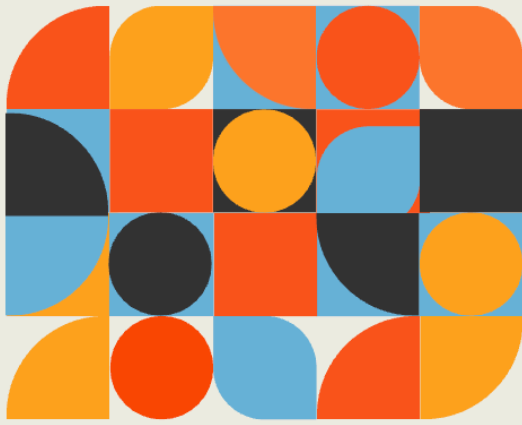
¹ Designer, bolsista PROSUC/CAPES, doutorando e mestre em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE), Novo Hamburgo, RS, Brasil.

² Graduado em Marketing, Graduando em Ciências Sociais, pesquisador no NAVISUAL/UFRGS.

³ Doutora em História, professora do PPG Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale.

⁴ Doutor em Design e Criação (Universidad de Caldas), professor na Universidad Jorge Tadeo Lozano (Colômbia). Pesquisa práticas e saberes do sul, propondo os DESSOCONS como modos de criação anteriores ao design.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

sistemas produtivos, ao próprio consumo e outras ecologias. O resultado disso, são ruínas em formatos de casas e pavilhões industriais abandonados agrupados em locais específicos da cidade.

Como uma ecologia do antropoceno, este trabalho se dedica a registrar a (re)existência de ecossistemas nas ruínas, especialmente aqueles de ordem vegetal, como as ervas daninhas. Assim, elege-se como protagonistas desta pesquisa as espécies vegetais da família Euphorbia, encontradas em ambientes urbanos e rurais. Mesmo sendo antagonistas dos humanos em batalhas de extermínio, estes vegetais têm comportamentos relevantes para a sobrevivência humana ao antropoceno, como capacidade de ressurgir em meio ao colapso, habitar em contextos áridos e contar com espécies companheiras para sua sobrevivência. Estes vegetais também denunciam e realizam verdadeiros embates às monoculturas. Na agricultura colocam plantações em risco, em Novo Hamburgo, ocupam as ruínas de um pensamento de design monocultivado.

Assim, este trabalho se propõe a realizar uma produção filmica descrevendo poeticamente a (re)existência da “quebra pedra” em ambientes em ruínas, especialmente aqueles dominados pela monocultura do design. O projeto se propõe a gerar outras perguntas e, com sorte, oportunizar que mais pesquisadores possam aceitar ao convite de Stengers, dos vegetais e das práticas especulativas. Com esta ideia, busca-se fazer uso da arte enquanto método de pesquisa e não exclusivamente objeto científico.

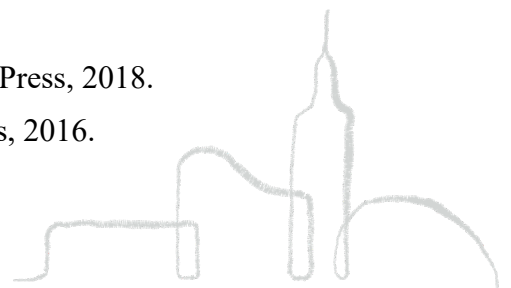
A pesquisa propõe expandir as fronteiras do design e da arte para além das lógicas de controle e domesticação, reconhecendo as plantas não como recursos passivos, mas como agentes ativos que territorializam e reconfiguram os espaços que ocupam. Essa abordagem se alinha ao conceito de cosmopolítica, que desafia a noção de um mundo único e pré-determinado, promovendo práticas que valorizam a incerteza (Stengers, 2018; 2023), a colaboração (Haraway, 2016) e a interdependência (Escobar, 2018).

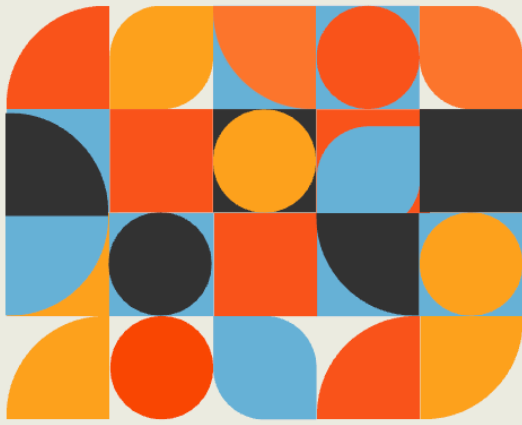
Palavras-chave: Design; Narrativa filmica; Ruínas.

Referências bibliográficas:

ESCOBAR, Arturo. Designs for the Pluriverse. Durham: Duke University Press, 2018.

HARAWAY, Donna J. Ficar com o problema. Duke: Duke University Press, 2016.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

INGOLD, Tim. Antropologia não é etnografia. Ingold, Tim, *Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto. *Horizontes Antropológicos*, v. 21, p. 21-36, 2015.

INGOLD, Tim. Sobre não conhecer e prestar atenção. *Esferas*, n. 26, p. 279-308, 2023.

LE BRETON, David. *Antropologia dos sentidos*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: RJ: Vozes, 2016.

PINK, Sarah. *Doing sensory ethnography*. 2015.

PINK, Sarah et al. *Design ethnography: Research, responsibilities, and futures*. Routledge, 2022.

PINK, Sarah. Ethnography, co-design and emergence: Slow activism for sustainable design. *Global Media Journal: Australian Edition*, v. 9, n. 2, p. 1-10, 2015.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, p. 442-464, 2018.

STENGERS, Isabelle. *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

